Dia 17 — Santa Edwiges, ou Avoiza, Duquesa da Polônia, Viúva

Martirológio Romano

Santa Edwiges (ou Eduvigis, ou Avoiza), viúva, duquesa da Polônia, que dormiu no Senhor no dia 15 deste mês. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

O martírio de Santo Herão, discípulo de Santo Inácio (patriarca de Antioquia), nesta cidade; o qual, sucedendo-lhe no bispado (depois que o imperador Trajano levou Santo Inácio a Roma e o fez devorar pelas feras) e seguindo como bom discípulo as virtudes de seu mestre, em defesa de seu rebanho deu a vida por amor de Cristo (no ano 136).

O martírio dos santos Vítor, Alexandre e Mariano, no mesmo dia. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

Santa Mameltha, mártir, na Pérsia; a qual, por aviso de um anjo, deixando o culto dos ídolos e convertendo-se a Jesus Cristo, foi apedrejada pelos gentios e submergida num profundo lago.

Santo André de Creta (que hoje é Candia), monge, em Constantinopla; o qual, pelo culto das santas imagens, foi muitas vezes açoitado no tempo de Constantino Coprônimo; finalmente, tendo-lhe cortado um pé, entregou sua alma a Deus.

São Florentino (ou Florentim), bispo, em Orange, na França; o qual, adornado de muitas virtudes, descansou em paz.

São Vítor, bispo, esclarecido em santidade e doutrina, em Cápua. (O venerável Beda, em seu livro *De ratione temporum*, o chama varão santíssimo e doutíssimo e diz que floresceu durante o século VI. O cardeal Barônio nas anotações ao Martirológio Romano diz que viveu imperando Justiniano. Confutou o Ciclo pascal de Vitorino de Aquitânia e publicou outro que foi aprovado no quarto concílio de Orleans, no ano 463. Sua sabedoria o colocou no número dos oráculos de seu tempo.)

Santa Edwiges, ou Avoiza, Duquesa da Polônia, Viúva

Santa Edwiges, muito mais ilustre pelo resplendor de sua virtude que pela nobreza de seu sangue, foi filha do príncipe Bertoldo, duque da Caríntia, marquês de Morávia, conde do Tirol; e de Inês, filha de Rotlech, marquês do Sacro Império. Teve quatro irmãos e três irmãs: Inês, que foi a maior, casou com Filipe Augusto, rei da França; a segunda com André, rei da Hungria, e foi mãe de Santa Isabel; a terceira se consagrou a Deus em religião e foi abadessa de Kitzingen, na Francônia. Nasceu Edwiges pelo fim do século XII, tendo-a dotado Deus de tão ditoso natural e de tal conjunto de prendas que não parecia possível princesa mais cabal. À elevação de seu nascimento acrescentou tanta inocência e tanta pureza de costumes que a nobreza de sua alma foi muito superior à de seu augusto sangue. Desde a mesma infância manifestou um juízo muito maduro, tão inclinada à virtude desde o berço que parecia haver nascido já cristã. Sendo ainda menina, dispuseram seus pais que entrasse no mosteiro de Beneditinas de Kitzingen para sua melhor educação; mas as monjas encontraram nela mais assunto de admiração que necessidade de cultivo nem matéria de ensino. Todas as delícias da santa Menina eram passar longos momentos na igreja ou estar de joelhos diante de uma imagem da santíssima Virgem; e ainda que muito inclinada à leitura, não achava gosto em outra que na de livros espirituais e devotos.

Nunca a deslumbrou o esplendor nem a grandeza de sua casa; e a poder-se escusar de obedecer aos príncipes seus pais, jamais houvera abraçado outro estado que o religioso, onde seria a mais humilde das esposas de Jesus Cristo. Mas a providência de Deus, que para confundir os falsos pretextos do mundo se compraz em pôr à sua vista de quando em quando ilustres exemplos da mais elevada santidade em todos os estados, tinha destinada a Edwiges para modelo de perfeição no do santo matrimônio. Contava somente doze anos quando a casaram com o príncipe Henrique, duque da Silésia e da Polônia: com o novo estado descobriu novas virtudes. Logo que se deixou ver na corte, declarou-se pela piedade e, longe de contemporizar com o espírito do mundo, que tanto reina nelas, jamais reconheceu outras obrigações que as que autoriza a Religião nem outro mérito que o que se funda na verdadeira virtude; de maneira que faziam mal sua corte à Princesa os que se prezavam de mundanos.

Seu primeiro estudo foi compreender o gênio e as inclinações do Duque seu marido, para dedicar-se a servi-lo e comprazê-lo. Logrou-o tão perfeitamente que, ganhando-lhe o coração para si, ganhou-o para Deus; e aproveitando-se do amor que o Duque lhe professava, conseguiu fazê-lo um dos mais cristãos e mais virtuosos príncipes da Alemanha. Julgou, e julgou com acerto, a Princesa que o meio mais eficaz para encontrar a própria salvação era cuidar com o maior desvelo da cristã educação de seus filhos, considerando esta por uma das primeiras obrigações de seu estado. Concedeu-lhe o céu três filhos e três filhas: os primeiros foram Henrique, Boleslau e Conrado; as segundas Inês, Sofia e Gertrudes. Enquanto estava grávida, uma de suas devoções, consentindo-o seu marido, era viver em continência todos os nove meses, passando aquele tempo em certa espécie de retiro. Tinha distribuídas as horas do dia na oração, em devoções particulares, em ler livros devotos e em exercitar obras de misericórdia; sendo uma de suas máximas que à maior

elevação do nascimento correspondia maior elevação das virtudes e que as pessoas que mais sobressaíam sobre as outras estavam mais obrigadas à eficaz persuasão do bom exemplo.

Tendo-se encarregado ela mesma de criar seus filhos nas máximas mais puras da Religião e da virtude, teve o consolo de vê-los a todos tão assinalados por sua exemplar piedade como pelas demais grandes e nobilíssimas prendas que os fizeram muito ilustres em todas as cortes da Europa. Henrique, seu primogênito e herdeiro dos Estados do Duque seu pai, o foi também de sua virtude; tanto que mereceu o renome de Piedoso. Não dedicou menos cuidado a virtuosa Princesa a regular toda a sua família e casa ducal; damas, senhoras de honor, criadas e criados inferiores, todos viviam com regra, tudo cheirava a virtude e tudo publicava por certo ar de religião e de modéstia a eminente santidade da ama a quem serviam.

Não podia ver-se sem muita admiração que uma princesa jovem, adornada de todas as belas prendas que tanto brilham no mundo, em meio de uma corte tão pomposa como lúcida, adorada de um esposo magnífico e poderoso, estimada, respeitada e aplaudida de todo o mundo, achando-se no mais florido de sua idade, vivesse mais como religiosa que como soberana, passando os dias em retiro e em exercícios de austeridade e de penitência. Mas o mais assombroso foi que, depois de ter o sexto filho, soube persuadir ao Duque seu marido que passassem o resto de sua vida em perfeita continência; e os dois esposos fizeram secretamente este voto em mãos de seu bispo. Desde aquele dia assim o Duque como a Duquesa fizeram portentosos progressos no caminho da perfeição. Sentiu Edwiges inflamado seu coração com um novo incêndio do divino amor; de maneira que já todos os seus desejos, todas as suas ânsias, todos os seus suspiros eram pelo céu, não se considerando já senão como mãe dos órfãos, das viúvas e dos pobres. Todos os dias sustentava um grande número deles em seu palácio e muitos comiam a sua mesa, servindo-lhes ela mesma a comida; de sorte que já era dito comum na corte que a Duquesa só se divertia visitando os pobres enfermos nos hospitais. Persuadiu ao Duque seu marido que fundasse a curta distância de Breslávia, capital da Silésia, onde residiam os dois, o grande e célebre mosteiro de Trebnitz, que a santa Duquesa entregou às religiosas de Cister. Dotou-o o Duque ricamente; mas Edwiges aumentou tanto suas rendas que alcançavam para manter mil pessoas. Eram recebidas nele todas as viúvas e todas as donzelas que se queriam consagrar a Deus. Ao princípio contavam-se na comunidade muitos centenares de monjas, a cuja frente estava a princesa Gertrudes, filha de nossa Santa; e muito em breve aquele famoso mosteiro foi escola de perfeição e asilo da inocência. Além disto, fez Santa Edwiges que se educassem nele muitas senhoritas pobres e órfãs, com outras muitas donzelas de inferior esfera, dando o hábito a umas, casando a outras e proporcionando a todas meios muito oportunos para sua salvação.

Nunca havia gostado de galas; mas depois que fez o voto de continência, vestiu-se mais lisamente; de maneira que nenhuma mulher andou jamais vestida com maior honestidade e modéstia. Seu exemplo reformou muito em breve a vã profanidade das senhoras da corte, como a exemplar virtude do Duque corrigiu os costumes e a conduta dos cortesãos. Passava Edwiges o mais do tempo dentro do mosteiro de Trebnitz em companhia das religiosas, com que sem muita dificuldade pôde conseguir o beneplácito de seu marido para tomar também o hábito, ainda que sem fazer os votos; bem que observava todas as suas regras com mais exatidão que as mesmas religiosas. Em nada quis admitir a mais leve distinção. Abatia-se aos mais humildes ofícios, dizendo às monjas: «Vós sois esposas de Jesus Cristo, eu não sou mais que uma de vossas criadas, com

que de obrigação me tocam estes misteres.» Em virtude deste ditame tomava sempre o ínfimo lugar no coro, no refeitório e em todos os demais atos de comunidade; usando unicamente nisto do direito que lhe dava o título de fundadora; nem jamais foi possível render sua humildade a que admitisse outras preeminências.

O terno amor e o sumo agradecimento que professava a Cristo crucificado inspiravam-lhe um desejo tão aceso de padecer muito por seu amor que custou trabalho a seus diretores pôr alguns limites ao rigor de suas penitências. Sendo jovem, delicada e de fraca compleição, macerava tanto sua carne que tocava já a raia de certo inocente excesso. Jejuava todos os dias, à exceção dos domingos e festas mais principais do ano, e proibiu-se absolutamente toda comida de carne. Numa grave enfermidade o legado da Sé apostólica na Polônia mandou-lhe que usasse de todo gênero de alimentos: obedeceu, mas assegurou depois que esta delicadeza havia exercitado mais sua paciência que toda a sua dolorosa enfermidade. Aos domingos, terças e quintas comia peixe e leite: às segundas e sábados somente legumes; e às quartas e sextas jejuava a pão e água. Nem de dia nem de noite se desnudava de um áspero cilício que lhe rodeava a cintura e estava todo tinto de sangue coalhado. Andava com os pés descalços pela neve e pelo gelo, cujo rigor, abrindo-os em gretas, descobria os sítios por onde passava, deixando neles ensanguentadas as pegadas. A cama de respeito era correspondente a sua alta representação; mas era de respeito e nada mais, porque ela não usava de outra que de uns humildes sarmentos. Eram excessivas suas vigílias; mal descansava duas ou três horas e, levantando-se a Matinas, passava o restante da noite em oração e em outras devoções, as quais interrompia para mortificar-se com sangrentas disciplinas, de cuja fervorosa crueldade davam bom testemunho as paredes salpicadas de seu sangue. Se suas indisposições a precisavam a mitigar algo estes rigores permitindo-se algum alívio, admitia por cama um braçado de palha coberta com uma grossa manta. Extenuou-se tanto seu corpo à continuada tenacidade de uma vida tão penitente que parecia um esqueleto animado. Todas as manhãs ouvia quantas missas se celebravam na igreja do mosteiro, com tanta devoção que a pegava até aos mais indevotos: comungava com muita frequência e sentia na Comunhão aqueles dulcíssimos consolos com que regala o Senhor as almas fervorosas e mortificadas. Mas não há virtude sobressaliente sem pesadas cruzes, não há Santo sem grandes provas.

Conrado, duque de Mazóvia, entrou nas terras do duque da Polônia Henrique, marido de nossa Santa: deu-se a batalha e nela ficou este ferido e prisioneiro. Sentiu vivíssimamente Edwiges este desgraçado suceso; mas sem que por isso se alterasse sua tranquilidade, contentando-se com dizer aos que trouxeram tão melancólica notícia que esperava em Deus ver muito logo o Duque restituído a sua liberdade e são de suas feridas. Mas resistindo-se Conrado a pôr em liberdade o duque da Polônia, sem embargo das razoáveis condições que se lhe propuseram para ajustar a paz, viu-se precisado o jovem Henrique, primogênito da Santa e herdeiro presuntivo dos Estados, a levantar um poderoso exército para que fizesse a força o que não havia podido a negociação. Horrorizada a piedosíssima Duquesa do sangue que se havia de derramar, determinou-se a passar ela mesma à corte de Conrado a expor sua pessoa para salvar os demais. Mal a viu em sua presença o duque de Mazóvia quando, apoderado de um respeitoso terror e esquecido daquela fereza com que se havia mostrado inflexível, concedeu à Princesa tudo quanto lhe pediu, ajustou-se a paz e pôs em liberdade o duque da Polônia. Morreu este virtuoso Duque pouco tempo depois e todos admiraram a constância, a tenacidade e a superior virtude da Duquesa. Viu-o expirar com olhos enxutos; e como as religiosas de Trebnitz mostrassem sua excessiva dor, explicando-o em

copiosas lágrimas, disse-lhes com uma santa inteireza: «Todos devemos receber com humilde rendimento, em vida e em morte, as amorosas disposições da divina Providência.» Três anos depois quis também o Senhor exercitar a heroica constância de Edwiges com outra prova não menos dolorosa na morte do duque Henrique o Piedoso, seu filho primogênito, que morreu numa ação contra os tártaros. Chegou-lhe à alma esta perda, mas levou-a com tanta resignação e com tanta serenidade que teve poucos exemplares, acreditando quão morta estava a Duquesa a todos os desordenados movimentos da carne e sangue. Não obstante o grande estudo que punha em ocultar à notícia de suas filhas as extraordinárias graças com que o Senhor a favorecia e os celestiais consolos com que a inundava na oração, não podiam deixar de dar bastantemente a entender estes divinos favores suas doces lágrimas, seus ternos suspiros e seus amorosos ímpetos. Nem podia reprimir as lágrimas quando se falava de Deus nem outros podiam reprimir as suas quando a ouviam falar do amor de Jesus Cristo. Só com ouvir pronunciar o doce nome de Maria banhava-se de gozo seu semblante. Favoreceu-a Deus com o dom de milagres e de profecia, pronosticando o dia de sua morte muito tempo antes de sua última enfermidade; e ainda que toda a sua vida foi uma continuada preparação para aquela postrera hora, redobrou seu fervor quando viu que se ia aproximando. Enquanto durou a enfermidade de que morreu, manifestou-lhe o Senhor muitas coisas que jamais havia aprendido nem ouvido de pessoa humana. Quis receber os Sacramentos quando parecia que já estava boa; mas logo conheceram todos que estava bem informada da hora de sua morte, pois pouco depois de havê-los recebido passou tranquilamente ao descanso do Senhor no dia 15 de outubro do ano de 1243, tendo vivido com certa espécie de milagre continuado quarenta anos inteiros entregue a penitentíssimos rigores que confundem sem escusa a delicadeza e a covardia das pessoas do mundo.

Foi enterrado seu corpo na igreja do mosteiro de Trebnitz com a pompa e com a solenidade que era devida a tão santa como respeitável princesa; e muito logo começou a fazer-se glorioso seu sepulcro ao número e à magnitude de seus milagres. Trabalhou-se sem cessar nos processos de sua canonização, que se celebrou solenemente no dia 15 de outubro do ano 1267, vinte e quatro depois de sua morte, pelo papa Clemente IV; e ainda se assegura que, quando o Papa estava celebrando a missa para canonizá-la, suplicou humildemente a Deus que se dignasse dar vista a certa donzela cega em testemunho da santidade de Edwiges e que no mesmo ponto cobrou sua vista a venturosa donzela. No ano seguinte, aos 17 de agosto, o santo corpo foi elevado da terra, exalando uma suavíssima fragrância que encheu de admiração e de consolo todos os circunstantes. Encontraram-se consumidas todas as suas carnes, à exceção de três dedos da mão esquerda, em que tinha segura uma imagem da santíssima Virgem, que toda a vida havia levado consigo. Morreu com ela nas mãos e apertou-a com os três dedos tão fortemente que, não podendo arrancar-lha, enterraram-na também com ela. O papa Inocêncio XI fixou sua festa ao dia 17 do mesmo mês.

Os Santos Vítor, Alexandre e Mariano, Mártires

Na desgraçada época em que caiu a Espanha sob o poder dos maometanos, especialmente a província da Andaluzia foi o teatro das mais sangrentas crueldades dos agarenos. Entre muitíssimos dos cristãos que então lograram a coroa do martírio, é de notar Teodisco, bispo de Baeza, cidade antiga do reino de Jaén, quando a primeira irrupção que fizeram os bárbaros no tempo do rei D. Rodrigo, e ficou aquela igreja sem pastor que pudesse assistir e consolar os fiéis numa ocasião de tanta tribulação e de tanta angústia. Conseguiram depois os cristãos moçárabes, isto é, aqueles que viviam misturados com os árabes, o uso livre de sua religião e a eleição de ministros eclesiásticos, a expensas dos crescidos tributos que quiseram impor-lhes os africanos; e valendo-se deste indulto os de Baeza, procederam a eleger bispo em quem concorressem as qualidades que exigiam as críticas circunstâncias de séculos tão turbulentos. Vivia por então na mesma cidade um varão ilustre chamado Vítor, muito conhecido pela regulada circunspecção de seus costumes, por sua singular piedade e por sua grande sabedoria; e como suas eminentes virtudes eram tão notórias, foi promovido àquela cátedra por aclamação comum de todos os eleitores. Conheceu Vítor que era a vontade de Deus que carregasse sobre seus ombros com a pesada carga do ministério episcopal na estação de tão furiosas tempestades; e revestido daquele valor e daquela fortaleza que é própria dos heróis do cristianismo, acreditou desde logo com provas práticas o alto conceito que os fiéis de Baeza tinham formado de sua pessoa.

Alcançou o pontificado deste glorioso pastor tempos muito turbulentos: as armas vencedoras dos infiéis e as pretensões dos vice-reis a quem obedecia por então a Espanha parece que se haviam conjurado para destruir o nome e a religião de Jesus Cristo, renovando com suas contínuas perseguições as crueldades de Nero e de Diocleciano, e ainda com excesso, por ser maior o número dos Cristãos que o dos primeiros séculos da lei de graça; mas ainda que todas as cidades e os povos da Andaluzia participaram de tão fatal açoite, descarregou mais o furor sobre Baeza, a quem coube um vice-rei ou governador árabe que, quebrantando os pactos feitos com os Cristãos, os perseguia de morte, deixando-se ver aquela cidade como um anfiteatro das mais enormes atrocidades, posto que na ocasião fizeram os fiéis ostentação da firmeza de sua fé, saindo ao campo de batalha a combater contra os inimigos da Religião, sem temor dos cárceres, dos tormentos nem ainda da mesma morte; cujos gloriosos triunfos se deveram na maior parte à vigilância e desvelo de Vítor, que sempre ativo e sempre infatigável animava os Cristãos com sua presença e com suas sábias exortações a manter-se constantes na fé que professavam. Soube o bárbaro agareno os ofícios do zelosíssimo Prelado e, dando ordem para que o prendessem com Alexandre e Mariano, fiéis cooperadores de Vítor em todas as funções de seu ministério, mandou decapitá-los no dia 17 de outubro do ano 743, que foi o de seu glorioso martírio. Arrojaram os mouros, segundo parece, os corpos dos três Santos no fosso do alcácer de Baeza, onde se mantiveram ocultos muitos séculos, até o ano 1633 em que se dignou o Senhor manifestar suas veneráveis relíquias com as de outros muitos Mártires que padeceram pela fé, por meio das prodigiosas luzes que apareceram nos muros do mesmo alcácer; e tendo sido a invenção no tempo do Emo. Sr. D. Baltasar de Moscoso y Sandoval, bispo de Jaén, mandou que se celebrassem com rito duplo naquela diocese.

Missa (oração)

A missa é em honra de Santa Edwiges, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui beatam Hedwigem a sæculi pompa ad humilem tuæ crucis sequelam toto corde transire docuisti: concede, ut ejus meritis et exemplo discamus perituras mundi calcare delicias, et in amplexu tuæ crucis omnia nobis adversantia superare. Qui vivis et regnas...*

Português: Ó Deus, que ensinastes à bem-aventurada Edwiges a renunciar de todo o coração às pompas do mundo para seguir com humildade o caminho de vossa cruz, concedei-nos, por seus merecimentos, que, a exemplo seu, aprendamos a menosprezar as perecíveis delícias deste século e a vencer por vosso amor todas as adversidades desta vida. Vós que viveis e reinais, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 31 dos Provérbios.

Provérbios 31,10-31

> **Latim:** 10 Mulierem fortem quis inveniet ? procul et de ultimis finibus pretium ejus. 11 Confidit in ea cor viri sui, et spoliis non indigebit. 12 Reddet ei bonum, et non malum, omnibus diebus vitæ suæ. 13 Quæsivit lanam et linum, et operata est consilia manuum suarum. 14 Facta est quasi navis institoris, de longe portans panem suum. 15 Et de nocte surrexit, deditque prædam domesticis suis, et cibaria ancillis suis. 16 Consideravit agrum, et emit eum ; de fructu manuum suarum plantavit vineam. 17 Accinxit fortitudine lumbos suos, et roboravit brachium suum. 18 Gustavit, et vidit quia bona est negotiatio ejus ; non extinguetur in nocte lucerna ejus. 19 Manum suam misit ad fortia, et digiti ejus apprehenderunt fusum. 20 Manum suam aperuit inopi, et palmas suas extendit ad pauperem. 21 Non timebit domui suæ a frigoribus nivis ; omnes enim domestici ejus vestiti sunt duplicibus. 22 Stragulatam vestem fecit sibi ; byssus et purpura indumentum ejus. 23 Nobilis in portis vir ejus, quando sederit cum senatoribus terræ. 24 Sindonem fecit, et vendidit, et cingulum tradidit Chananæo. 25 Fortitudo et decor indumentum ejus, et ridebit in die novissimo. 26 Os suum aperuit sapientiæ, et lex clementiæ in lingua ejus. 27 Consideravit semitas domus suæ, et panem otiosa non comedit. 28 Surrexerunt filii ejus, et beatissimam prædicaverunt ; vir ejus, et laudavit eam. 29 Multæ filiæ congregaverunt divitias ; tu supergressa es universas. 30 Fallax gratia, et vana est pulchritudo : mulier timens Dominum, ipsa laudabitur. 31 Date ei de fructu manuum suarum, et laudent eam in portis opera ejus.

Português: [10] Quem achará huma mulher forte? seu preço excede a tudo o que vem de remontadas distancias, e dos ultimos confins da terra. [11] O coração de seu marido põe nella a sua confiança, e elle não necessitará de despojos. [12] Ella lhe tornará o bem, e não o mal, em todos os dias da sua vida. [13] Buscou lã e linho, e o trabalhou com a industria de suas mãos. [14] Fez-se como a náo do negociante, que traz de longe o seu pão. [15] E se levantou de noite, e repartio a preza aos seus domésticos, e o sustento ás suas escravas. [16] Considerou hum campo, e comprou-o: plantou huma vinha do fruto das suas mãos. [17] Cingio os seus rins de fortaleza, e corroborou o seu braço. [18] Tomou-lhe o gosto, e vio que a sua negociação he boa; a sua candeia não se apagará de noite. [19] Ella metteo a sua mão a cousas fortes, e os seus dedos pegárão no fuso. [20] Abrio a sua mão para o necessitado, e estendeo os seus braços para o pobre. [21] Não temerá que venhão sobre a sua familia os rigores da neve; porque todos os seus domésticos trazem vestidos forrados. [22] Ella fez para si móveis de tapeçaria: ella se vestio de finíssimo linho, e de purpura. [23] Seu marido será illustre na assemblea dos juizes, quando estiver assentado com os senadores da terra. [24] Ella fez delicados lenços, e vendeo-os, e entregou hum cinto ao Cananeo. [25] A fortaleza e a fermosura he o de que ella se reveste, e ella rirá no ultimo dia. [26] Ella abrio a sua boca á sabedoria, e a lei da clemência está na sua lingua. [27] Considerou as veredas da sua casa, e não comeo o pão ociosa. [28] Levantárão-se seus filhos, e acclamárão-na ditosíssima: levantouse seu marido, e louvou-a. [29] Muitas filhas ajuntárão riquezas: tu excedeste a todas. [30] A graça he enganadora, e a fermosura he vã: a mulher que teme ao Senhor essa he a que será louvada. [31] Dai-lhe do fruto das suas mãos: e as suas obras a louvem na assembléa dos juizes.

Reflexões

Quem achará uma mulher forte? Isto é, uma mulher de juízo tão assentado e de tão desembaraçada capacidade que não se deixe deslumbrar dos brilhos que tanto encantam as de pouco entendimento; de tanta penetração que conheça a extravagância de uma moda, a vaidade lastimosa de uma gala, a caduca duração de uma fortuna brilhante, o veneno e a malignidade das máximas do mundo; de tanto valor e de tanto espírito que despreze generosamente tudo aquilo que não dá mérito algum; e enfim, de tanta religião e de tanta cordura que dedique sua estimação somente à virtude? Esta é aquela mulher que com tanta razão diz o Espírito Santo que é muito rara, que se vê poucas vezes no mundo; mas não deixa de causar admiração que seja tão rara uma mulher deste caráter. Há muitas mulheres (quem o pode negar?) de grande entendimento: encontram-se não poucas de rara penetração, de um engenho nobre, sólido, compreensivo e elevado, imbuídas em máximas muito cristãs e de uma generosidade que parece muito superior a seu sexo; sem embargo, ainda entre estas mesmas são bem poucas as que não se deixam deslumbrar de um falso, de um aparente resplendor; poucas as que não pretendem fazer mérito da formosura; e são todavia menos as que não têm paixão pelas galas, por cem frusleiras e por mil femininas bagatelas. Exerce a vaidade um imperioso, um despótico domínio sobre o entendimento, não menos que sobre seu coração. Domina-as o desejo de sobressair e de brilhar: qual costuma ser a matéria de suas mais engenhosas conversações? Uma moda, um toucado de nova invenção, um penteado, um leque, uma tela, um vestido, uma libré, um móvel: estes costumam ser os assuntos que se tratam em suas longas, em suas brilhantes visitas. Pelo comum não há coisa mais ridícula,

de menos substância nem mais digna de riso ou de compaixão que suas intermináveis conversações. Bem se pode dizer que o caráter desses celebrados engenhos é empregar-se eternamente no mais vão e no mais inútil da vida; mas de que princípio provirá um transtorno tão estranho e tão universal o dia de hoje? Na verdade, a educação pode contribuir muito a envilecer ou a debilitar uns entendimentos que seriam sólidos naturalmente; mas também a razão e a reflexão seriam muito bastantes para corrigir os defeitos da educação. A verdadeira origem, pois, deste transtorno é a falta de virtude. Uma vez que se apoderou do entendimento e do coração de uma mulher o espírito do mundo, deixa pouca liberdade à razão e à Religião. Logo que uma alma começa a ser mundana, imediatamente se faz pouco cristã; e desde aquele ponto o entendimento, a capacidade, o juízo, o coração, a cordura, as máximas mais verdadeiras e mais sólidas, tudo degenera nela. Queres achar uma mulher forte, isto é, cujo mérito seja verdadeiro e que ela mesma seja verdadeiramente respeitável? Pois busca uma que seja verdadeiramente virtuosa, verdadeiramente cristã, que coloque todo o seu mérito em cumprir com as obrigações de seu estado. O retrato desta mulher faz-lho a Epístola de hoje e o modelo dela foi Santa Edwiges. O temor de Deus, que é o princípio da verdadeira sabedoria, deve ser, diz o Sábio, como a base e o cimento de todas as suas belas prendas. O cuidado de viver bem com o esposo que o céu lhe destinou e de conservar a união e a paz na família há de ser uma de suas principais ocupações; a vigilância sobre sua casa e a aplicação a manter nela a ordem e o bom governo, todo o seu estudo. Desenganemo-nos: só será mulher de muito mérito a que for mulher de muita virtude.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 13 de São Mateus (o impresso traz «xii» e remete à página do dia 8 de outubro).

Mateus 13,44-52

> **Latim:** 44 Simile est regnum cælorum thesauro abscondito in agro : quem qui invenit homo, abscondit, et præ gaudio illius vadit, et vendit universa quæ habet, et emit agrum illum. 45 Iterum simile est regnum cælorum homini negotiatori, quærenti bonas margaritas. 46 Inventa autem una pretiosa margarita, abiit, et vendidit omnia quæ habuit, et emit eam. 47 Iterum simile est regnum cælorum sagenæ missæ in mare, et ex omni genere piscium congreganti. 48 Quam, cum impleta esset, educentes, et secus littus sedentes, elegerunt bonis in vasa, malos autem foras miserunt. 49 Sic erit in consummatione sæculi : exibunt angeli, et separabunt malos de medio justorum, 50 et mittent eos in caminum ignis : ibi erit fletus, et stridor dentium. 51 Intellexistis hæc omnia ? Dicunt ei : Etiam. 52 Ait illis : Ideo omnis scriba doctus in regno cælorum, similis est homini patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova et vetera.

Português: [44] O reino dos ceos he semelhante a hum thesouro escondido no campo: que quando hum homem o acha, o esconde, e pelo gosto que sente de o achar, vai, e vende tudo o que tem, e compra aquelle campo. [45] Assim mesmo he semelhante o reino dos ceos a hum homem negociante, que busca boas perolas. [46] E tendo achado huma de grande preço, vai vender tudo o que tem, e a compra. [47] Finalmente o reino dos ceos he semelhante a huma rede lançada no mar, que toda a casta de peixes colhe: [48] e depois de estar cheia, a tirão os homens para fóra, e sentados na praia escolhem os bons para os vasos, e deitão fóra os máos. [49] Assim será no fim do mundo: sahirão os anjos, e separarão os máos de entre os justos, [50] e lancallos-hão na fornalha de fogo: allí será o choro, e o ranger com os dentes. [51] Tendes vós compreendido bem tudo isto? Responderão elles: Sim. [52] Elle lhes disse: Por isso todo o escriba instruido no reino dos ceos, he semelhante a hum pai de familia, que tira do seu thesouro cousas novas e velhas.

Meditação

Quanto se deve temer o estado de tibieza

Primeiro ponto

Considera que não há estado de que seja mais dificultoso sair que do estado de tibieza. Para sair de um estado perigoso à salvação é preciso conhecer, primeiro, que efetivamente está a alma naquele estado e, segundo, seu perigo. Pois isto é pontualmente o que a alma tíbia não conhece. O pecador que notoriamente está como afogado nas maiores desordens sem dificuldade conhece o lastimoso perigo em que vive. Há certos momentos venturosos em que a favor do menor raio da graça descobre em sua pobre alma tão monstruosas deformidades que ele mesmo é o primeiro em chorar sua infelicidade; e esta humilde confissão, este salutar conhecimento faz menos dificultosa sua conversão. Mas à alma tíbia sempre lhe falta este socorro; porque nunca se persuade de que está no estado da tibieza. Bem se pode dizer que já não está nele quando começa a conhecê-lo; porque este conhecimento sempre é filho do fervor; e isto é justamente o que faz tão dificultoso que uma alma tíbia volte sobre si. Por onde se lhe há de persuadir que está neste lamentável estado, se o primeiro efeito que causa a tibieza é a cegueira? Como a tal alma só foi relaxando-se pouco a pouco, também foi pouco a pouco familiarizando-se com o pecado até que fez costume de suas faltas e, enfim, chega a saborear-se nelas. Em semelhante estado nada lhe faz força e de nada desconfia. Nunca descobre em si coisa nova que a escandalize. Cai-se na tibieza sem omitir nenhum dos exercícios espirituais acostumados; antes bem a tibieza, pelo comum, tem sua origem naquelas imperfeições que insensivelmente se vão como resvalando nestes mesmos exercícios. Oculta-se um a si próprio muitos defeitos reais e verdadeiros sob a aparência de uma virtude superficial; e isto é o que faz o mal quase incurável. O mesmo Deus, que faz tanto ruído para despertar a modorra do pecador, parece como que cala e como que em certa maneira guarda o sono à alma tíbia, como se quisesse deixá-la morrer em seu letargo. «Eu começarei a vomitar-te», diz o mesmo Deus. Eu começarei, como quem diz, não te vomitarei de golpe, mas pouco a pouco, sem ruído, sem estrondo, insensivelmente; de medo (a nosso modo de entender) de que o não

advirta a alma tíbia; de sorte que esta pobre alma se acha, digamo-lo assim, condenada e reprovada sem conhecê-lo, sem oferecer-se-lhe a menor desconfiança sobre o infeliz estado em que se vê. Pois em que se há de fundar a esperança de que quererá sair dele? Bom Deus, há no mundo estado mais digno de temer-se!

Segundo ponto

Considera que a desgraça de uma alma tíbia é tanto maior quanto naquele lastimoso estado os conselhos dos maiores amigos, as salutares advertências de um prudente confessor, os avisos de um superior zeloso, os bons exemplos que se têm à vista, tudo é mal recebido, chegando a tanto algumas vezes esta insensibilidade e esta dureza que parece estar a alma como encantada ou possuída. Nada lhe faz força, nada a move, nem ainda aquilo mesmo que atemoriza e aterra os maiores pecadores. Parece que está nela apagada a fé e desterrada a razão, descobrindo-se sinais muito visíveis de um funesto abandono de Deus e como se disséssemos de sua certa infeliz reprovação. Todos devem temer um estado tão infeliz; mas nenhuns mais que os que exortam a outros à prática das virtudes que eles não têm. Estas pessoas são tão zelosas da perfeição dos demais que sabem repreendê-los admiravelmente das mais leves imperfeições; caem, pelo comum, na tibieza se não praticam aquilo mesmo que ensinam, se não corrigem em si as mesmas ou semelhantes imperfeições e se se dispensam a si próprias no exercício daquelas virtudes que aconselham. Tem-se visto muitas vezes os maiores pecadores, diz São Boaventura, sair do atoleiro de seus vícios e fazer sincera penitência; mas quase nunca se vê uma alma tíbia sair de sua desídia e de sua lastimosa frouxidão. Com efeito, que coisa pode fazer força a uma alma que por largo espaço de tempo tem sabido compor o conhecimento das verdades mais terríveis da Religião com uma continuada infidelidade? Não, certo, aquelas verdades espantosas, pois está já acostumada a manejá-las sem que lhe façam impressão: nem os bons exemplos, pois se tem familiarizado tanto com eles que nem mal os repara. Mas, meu Deus, que força farão estas reflexões a uma alma que pouco a pouco se vai consumindo com a febrezinha lenta da tibieza! Raras vezes se sara dela senão por um milagre de vossa misericórdia. Nunca conhecerá sua desdita se Vós não lha fazeis conhecer; nunca se verá a si mesma nesta pintura se Vós não lhe dizeis interiormente que este é seu verdadeiro retrato. Mas e de que lhe servirá este conhecimento se não lhe dais uma poderosa graça para que saia de tão lastimoso estado? Concedei-ma, Senhor, por vossa piedade, que resolvido estou a não resistir-lhe.

Jaculatórias

Não me abandoneis, Senhor, não me desampareis, pois só em Vós coloco toda a esperança de minha salvação. (Sl 26.)

Sinto, meu Deus, não sei que novo fervor dentro de meu coração: acendei-mo, avivai-mo mais e mais. (Sl 38.)

Propósitos

1. Ao homem tíbio ordinariamente lhe concede Deus poucas graças extraordinárias; porque é muito infiel ainda àquelas poucas que recebe. Suas faltas sempre são consideráveis por irem acompanhadas de maior menosprezo, de malícia mais voluntária e de mais feia ingratidão que as de outros pecadores. A odiosa mistura de bom e mau de que se compõem as cores que formam o retrato de uma alma tíbia mostra bem quão injuriosa é a Deus sua má conduta. No bom aparente que faz acredita que não peca por esquecimento de Deus; mas a imperfeição e a desídia com que faz aquele pouco bom convencem o baixo conceito, ou por melhor dizer, o desprezo com que trata ao mesmo Deus, servindo-o com tanto desgosto, com tanta indiferença e com tanta frieza. Por isso se pode dizer que é recíproco este desgosto; ela está desgostada de Jesus Cristo e Jesus Cristo está desgostado dela. Assim, pois, não há que admirar-se de que esta espécie de almas, ao acabar de comungar, estejam tão prontas a reincidir em suas antigas e acostumadas faltas como se não houvessem comungado. Considera agora o horror com que hás de olhar este funesto estado e quanto o deves temer. Para conceber este salutar horror e para desviar-te mais de estado tão infeliz, sempre que vais a começar alguma boa obra, como a oração, a missa, o rezo, pensa como o deves fazer para fazê-lo com fervor.

2. Ainda que a tibieza é tão grande mal, sempre nasce de causa muito ligeira. Não se cai nela de golpe nem cometendo culpas graves, mas por estas que se chamam distrações voluntárias, faltas comuns, pecados veniais de costume, descuido e negligência nas obrigações, etc. Sê, pois, atentíssimo, cuidadosíssimo em evitar as menores imperfeições voluntárias; as faltas mais pequenas que se cometem com plena deliberação levam quase infalivelmente à tibieza.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:43 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:43 by Admin